

# IPA

Internatioan People's Assembly

## Liberdade Política para os Palestinos

caio · Tuesday, March 31st, 2026

### LIBERDADE POLÍTICA PARA OS PALESTINOS

O sistema prisional israelense é uma das armas mais sofisticadas do sionismo. O encarceramento em massa funciona como uma estratégia contrarrevolucionária destinada a dismantelar sistematicamente a organização política palestina, neutralizar a liderança e quebrar a capacidade coletiva do povo palestino de resistir à dominação colonial de assentamento.

---

[BAIXE A ANÁLISE COMPLETA EM PDF AQUI](#)

---

[LINK PARA OUTROS IDIOMAS](#)

Desde os primórdios da ocupação, o encarceramento tem sido utilizado não para proteger civis, mas para destruir a política de resistência, encarcerando pessoas por aquilo que representam: sua

capacidade de se organizar, educar, mobilizar e estruturar a resistência. Quadros políticos, sindicalistas, líderes estudantis, intelectuais, representantes eleitos e organizadores de movimentos são alvos deliberados porque constituem a espinha dorsal da luta coletiva palestina.

Essa estratégia é melhor compreendida como decapitação organizacional. Figuras como Marwan Barghouti, um líder central da Segunda Intifada com ampla legitimidade popular, foram presas porque não podiam ser facilmente substituídas. Seu encarceramento foi planejado para romper um elo vivo entre a mobilização popular e a liderança política nacional. Da mesma forma, Ahmad Sa'adat, Secretário-Geral da Frente Popular para a Libertação da Palestina, foi preso para enfraquecer a esquerda revolucionária e sinalizar que qualquer alternativa ao enquadramento definido em Oslo seria esmagada.

A detenção administrativa representa uma das expressões mais flagrantes do poder colonial. Isso permite que os sionistas prendam palestinos indefinidamente sem acusação ou julgamento, transformando a vida política em uma condição de insegurança permanente. Sob tal regime, a organização se torna um ato de desafio em si. Os movimentos são forçados a adotar posturas defensivas, incapazes de planejar estratégias de longo prazo ou construir instituições estáveis. Isso não é acidental, mas sim a produção intencional de paralisia política.

A prisão também opera para criminalizar a existência política. Sob a lei militar sionista, a filiação política, a participação em sindicatos ou conselhos estudantis e até mesmo o ato de discurso público podem ser designados como “ameaças à segurança”. Líderes como Khalida Jarrar, organizadora feminista, parlamentar e intelectual, foram repetidamente presos por nada mais do que seu trabalho político. A mensagem é inequívoca: a participação política palestina em si é ilegal.

O sistema prisional drena ainda mais os recursos sociais e materiais da sociedade palestina. Famílias, movimentos e comunidades são forçados a direcionar energia para a sobrevivência: defesa legal, visitas à prisão, assistência médica e defesa internacional. Esta é uma forma de punição coletiva com intenção política, que exaure a infraestrutura que sustenta a resistência e substitui a luta coletiva por dificuldades individualizadas.



**Os organizadores jovens e estudantes são alvos com particular intensidade. Ao prender jovens palestinos em momentos formativos do desenvolvimento político, Israel interrompe a reprodução da consciência revolucionária. Isso cria rupturas geracionais, lacunas de liderança e amnésia organizacional. O que não pode ser cooptado por meio de ONGs ou da política de doadores é, em vez disso, neutralizado nas celas das prisões.**

Ao mesmo tempo, a ocupação busca impedir que as próprias prisões se tornem locais de organização revolucionária. O uso do confinamento solitário, as transferências constantes, as proibições de comunicação e a repressão dos comitês internos de prisioneiros refletem um medo profundo: o de que, **mesmo em condições de cativeiro, os palestinos continuem a se organizar**. O longo legado intelectual e político de prisioneiros como Walid Daqqa, que transformou décadas de encarceramento em um espaço de pensamento e escrita radicais, expõe o fracasso da prisão em extinguir completamente a vida política.

Por fim, o encarceramento desempenha uma função ideológica na arena internacional. Ao reduzir os líderes políticos a “detentos de segurança”, Israel tenta despolitizar um conflito colonial e reformulá-lo como aplicação da lei. **Essa narrativa apaga a realidade de que os prisioneiros palestinos são prisioneiros políticos de um regime colonial de assentamento, encarcerados por resistirem à desapropriação e ao apartheid.**

Nesse sentido, o encarceramento israelense não é simplesmente repressão – é contrainsurgência, contrarrevolução e guerra social. Busca atomizar a sociedade palestina, destruir a força política organizada e tornar a resistência sem liderança, fragmentada e controlável. **No entanto, a**

**persistência da organização dos prisioneiros, das greves de fome e da produção política atrás das grades demonstra uma verdade fundamental: a prisão não é apenas um local de dominação, mas uma linha de frente na própria luta.**

**Confrontar o encarceramento israelense, portanto, não é meramente exigir reformas humanitárias. É desafiar um mecanismo central de controle imperial e defender a própria possibilidade de uma vida política palestina organizada.**



---

## PUBLICAÇÕES EXTERNAS



---

People's Dispatch

## European leaders express “concern” over Israeli law mandating death penalty for Palestinian prisoners

European statements on the death penalty for Palestinians in Israel belittle human rights commitments.

[READ MORE: European leaders express “concern” over Israeli law mandating death penalty for Palestinian prisoners](#)

← →

This entry was posted on Tuesday, March 31st, 2026 at 10:00 am and is filed under You can follow any responses to this entry through the [Comments \(RSS\)](#) feed. Both comments and pings are currently closed.